

Michel Verne e Jules Verne
1889-1890

NO SÉCULO XXIX

O Dia de um Jornalista Americano em 2889



AS PESSOAS neste século 29 vivem continuamente num país de conto de fadas, embora não achem isso nada de mais. Acostumadas às maravilhas, ficam indiferentes às que o progresso lhes traz todo dia. Seria mais justo se eles valorizassem mais as amenidades da nossa civilização. Se a comparassem ao passado, elas se dariam conta do caminho que ela percorreu. Quão mais admiráveis lhes pareceriam nossas cidades modernas, com ruas de cem metros de largura, as casas de trezentos metros de altura, a temperatura sempre igual, o céu cruzado por milhares de aero-carros e aerônibus! Comparadas com estas cidades, cuja população pode chegar a dez milhões de habitantes, o que eram aquelas vilas, aquelas aldeias de mil anos atrás — essas Paris, essas Londres, essas Berlins, essas Nova-Iorques — lugarejos sufocantes e lamacentos, onde circulavam caixas sacolejantes puxadas por cavalos — Sim! Cavalos! Dá para acreditar?! Se as pessoas lembrassem do serviço defeituoso dos navios e trens, seus acidentes frequentes e também sua lentidão, que valor não dariam aos trens aéreos; e sobretudo a esses tubos pneumáticos, estendidos através dos oceanos, nos quais elas são transportadas a 1500 quilômetros por hora? Por fim, elas não apreciariam melhor nosso telefone e telefote, se lembrassem dos antigos aparelhos de Morse e Hugues, tão inadequados à transmissão rápida de mensagens?

Mas eis o que é estranho! Essas transformações surpreendentes são baseadas em princípios perfeitamente conhecidos, aos quais nossos ancestrais talvez não tenham dado a devida atenção. Na verdade, o calor, o vapor, a eletricidade são tão velhos quanto a humanidade. Afinal, não é que, no final do século 19, os cientistas já afirmavam que a única diferença entre as forças físicas e químicas estava num modo de vibração, próprio de cada uma delas, das partículas etéreas?

Uma vez dado esse enorme passo de reconhecer a natureza comum de todas as forças. é na verdade inconcebível que tenha sido necessário tanto tempo para conseguir determinar cada um dos modos de vibração que as distinguem. É extraordinário,

sobretudo, que o meio de passar diretamente de uma a outra tenha sido desenvolvido bem recentemente. Mas foi assim que as coisas se passaram, e foi apenas em 2789, há cem anos, que o célebre Oswald Nyer o descobriu.

Um verdadeiro benfeitor da humanidade, esse grande homem! Sua descoberta genial foi a mãe de todas as outras! Uma constelação de inventores nasceu dela, culminando em nosso James Jackson. É a este que devemos os novos acumuladores que condensam, uns a força contida nos raios do sol, outros a eletricidade armazenada no interior de nosso globo, e outros a energia vida de fontes variadas — quedas d'água, ventos, fluxo de rios, etc.. Foi ele também que criou o transformador, que liberta ao espaço a energia viva desses acumuladores na forma de calor, luz, eletricidade, força mecânica, obtendo dela o trabalho desejado.

Sim! Foi no dia que esses dois instrumentos foram concebidos que começou o progresso de verdade. Suas aplicações são incontáveis. Atenuando os rigores do inverno pela liberação do excesso de calor do verão, elas revolucionaram a agricultura. Ao fornecer a força motriz aos aparelhos de navegação aérea, possibilitaram um enorme salto ao comércio. É a eles que devemos a produção incessante de eletricidade sem pilhas nem máquinas, a luz sem combustão nem incandescência, e enfim essa inexaurível fonte de energia que centuplicou a produção industrial.

* * *

POIS BEM! Todas estas maravilhas, vamos encontrá-las num edifício incomparável: a sede do *Earth Herald*, recentemente inaugurada na 16823^a Avenida de Centrópolis, a capital atual das duas Américas.

Se o fundador do *New York Herald*, Gordon Bennett, nascesse de novo hoje, o que diria, vendo esse palácio de mármore e ouro, que pertence ao seu ilustre descendente Francis Bennett? Vinte

e cinco gerações se passaram, e o *New York Herald* continuou na família dos Bennett. Há duzentos anos, quando o governo da União foi transferido de Washington para Centrópolis, o jornal foi atrás — a menos que não tenha sido o governo que foi atrás do jornal — e mudou seu nome para *Earth Herald*.

E não pensem que ele decaiu sob Francis Bennett. Não! Pelo contrário, seu novo diretor lhe infundiu uma força e vitalidade sem precedentes, ao inaugurar o jornalismo telefônico. Todos conhecem hoje esse sistema, tornado prático pela incrível popularização do telefone. Cada manhã, em vez de ser impresso como antigamente, o *Earth Herald* é “falado.” É através de uma rápida entrevista com um repórter, um político, ou um cientista, que os assinantes ficam sabendo o que quer que lhes interesse. Quanto aos compradores avulsos, como é sabido, por alguns centavos eles podem tomar conhecimento do exemplar do dia nas inúmeras agências fonográficas.

Essa inovação de Francis Bennett eletrizou o velho jornal. Em poucos meses, sua clientela chegava a oitenta e cinco milhões de assinantes, e a fortuna do diretor subiu a trinta bilhões, hoje muito ultrapassados. Graças a essa fortuna, Francis Bennett pode construir sua nova sede: um prédio colossal de quatro fachadas, cada uma com três quilômetros de largura, em cujo teto se desfalda a gloriosa bandeira, setenta e cinco vezes estrelada, da Confederação.

A esta altura, Francis Bennett, rei dos jornalistas, seria rei das duas Américas — se os americanos pudessem aceitar um rei, quem quer que seja. Duvidam? Mas mesmo assim os plenipotenciários de todas as nações e nossos próprios ministros se acotovelam na sua porta, mendigando seus conselhos, pedindo sua aprovação, implorando o apoio desse órgão todo-poderoso. Contem só os cientistas que ele apoia, os artistas que ele mantém, os inventores que ele financia! Reinado fatigante, esse; esforço sem descanso, e, com certeza, um homem de antigamente não teria aguentado tal carga de trabalho.

Felizmente, as pessoas hoje tem constituição mais robusta, graças ao progresso da higiene e da ginástica; que aumentou a vida média humana de trinta e sete para cinquenta e oito anos. E graças também à preparação de alimentos científicos — enquanto aguardamos a descoberta do ar nutritivo, quando poderemos nos alimentar... apenas respirando.

Mas enfim, se quiserem conhecer como é o dia de trabalho de um diretor do *Earth Herald*, tenham a paciência de segui-lo em seus múltiplos afazeres — hoje mesmo, 25 de julho deste ano de 2889.

* * *

FRANCIS Bennett, nesta manhã, acordou bastante mal-humorado. Já fazia oito dias que sua esposa estava na França. Ele estava se sentindo um pouco solitário. Também, pudera! Em dez anos de casamento, era a primeira vez que a Sra. Edith Bennett, a *professional beauty*, se ausentara por tanto tempo. Normalmente, bastavam-lhe dois ou três dias para suas viagens frequentes à Europa, especialmente para Paris, onde ela ia comprar seus chapéus.

A primeira coisa que Francis Bennett fez então foi acionar seu fonotelefote, cujos fios chegavam até o prédio que ele tinha em Champs-Elysées. O telefone complementado pelo telefote, eis outra conquista da nossa época! Embora a transmissão da palavra por correntes elétricas seja muito antiga, é praticamente desde ontem que podemos transmitir a imagem do mesmo modo. Maravilhosa invenção, cujo inventor Francis Bennett não foi o único a abençoar — quando viu sua esposa, reproduzida num espelho telefótico, apesar da grande distância que os separava.

Doce visão! Um pouco cansada do baile ou do teatro na noite anterior, a Sra. Bennett ainda estava dormindo. Embora seja quase meio-dia naquelas bandas, ela dormia, com sua charmosa cabecinha enterrada na renda do travesseiro.

Mas eis que ela se agita... os lábios tremem... Está sonhando, com certeza? Sim! Está sonhando... Um nome escapa de sua boca: “Francis... meu querido Francis!”

Seu nome, pronunciado por essa doce voz, deixa Francis Bennett mais alegre. Não querendo acordar a adorável dorminhoca, ele pula da cama e entra nos seu vestidor mecânico.

Dois minutos depois, sem precisar da ajuda de um criado de quarto, a máquina o deposita — lavado, penteado, calçado, vestido e abotoado de alto a baixo — na porta de seu escritório. Sua jornada estava para começar.

Foi no salão dos escritores de novelas que Francis Bennett entrou em primeiro lugar.

Enorme a sala, com uma enorme cúpula translúcida. Num dos lados, inúmeros aparelhos telefônicos pelos quais os cem redatores do *Earth Herald* contavam cem capítulos de cem novelas ao público fiel.

Ao ver um dos novelistas que tirava cinco minutos de descanso: “Muito bom, meu caro,” lhe disse Francis Bennett, “muito bom, seu último capítulo! A cena onde a jovem camponesa debate com o rapaz apaixonado uns problemas de filosofia transcendental mostra sua capacidade de observação. Nunca os costumes caipiras foram tão bem retratados! Continue assim, meu caro Archibald, bote fé! Dez mil novos assinantes desde ontem, graças a você!”

“Senhor John Last,” prosseguiu, voltando-se para outro de seus redatores, “estou bem menos satisfeito com você! Sua novela não tem vida! Você correu depressa demais para o final. Pois é, e os procedimentos investigativos? Você tem que dissecar! Não é com a pena que escrevemos hoje, é com o bisturi! Toda ação na vida real é a resultante de pensamentos fugazes e sucessivos, que precisam ser enumerados com cuidado para criar um ser vivo. Coisa mais fácil usar o hipnotismo elétrico, que duplica a pessoa e separa suas duas personalidades. Cuide-se, meu caro John Last! Imita seu colega que cumprimentei agora mesmo. Vê se faz hipnotismo... Como? Você faz? Então não faz o bastante,

não mesmo!

Dada essa pequena lição, Francis Bennett continuou sua inspeção e passou ao salão de reportagens. Seus mil e quinhentos repórteres, sentados diante de outros tantos telefones, comunicavam aos assinantes as notícias recebidas durante a noite dos quatro cantos do mundo. A organização desse serviço incomparável já foi muito descrita. Além de seu telefone, cada repórter tem à sua frente uma série de chaves elétricas que lhe permitem estabelecer comunicação com esta ou aquela linha telefônica. Assim os assinantes tem não apenas a narração, mas também a visão dos acontecimentos, obtida por fotografia intensiva.

Francis Bennett aborda um dos dez repórteres astronômicos escalados para esse serviço — que deverá crescer graças às descobertas feitas no mundo estelar.

“Então, Cash, o que você recebeu?”

“Uns fototelegramas de Mercúrio, de Vênus e de Marte, Chefe.”

“Interessante, esse último?”

“Sim! Uma revolta no Império Central, em apoio aos Democratas Liberais contra os Republicanos Conservadores.”

“Como por aqui, então! E de Júpiter?”

“Ainda nada! Não conseguimos ainda entender os sinais dos Jovianos. Talvez os nossos não tenham chegado até lá?...”

“Esse é seu trabalho, e considero você responsável, Senhor Cash!” respondeu Francis Bennett, que, muito contrariado, foi para a sala de redação científica.

Curvados sobre suas calculadoras, trinta cientistas estavam absortos com equações de nonagésimo quinto grau. Alguns estavam até manipulando fórmulas de infinito algébrico e do espaço de dimensão vinte e quatro, como estudantes de primário com as quatro operações da aritmética.

Francis Bennett caiu no meio deles como uma bomba.

“Então, senhores, o que tem a dizer? Nenhuma resposta de Júpiter? Então é como sempre! Vejamos, Corley, depois de quebrar a cabeça nesse planeta por vinte anos, eu diria que...”

“O que posso fazer, Chefe!” respondeu o cientista, nossa ótica ainda deixa muito a desejar, e, mesmo com nossos telescópios de três quilômetros...”

“Ouvii essa, Peer!” interrompeu-o Francis Bennett, falando com o vizinho de Corley. “A ótica deixa a desejar!... É sua especialidade essa, meu caro! Bote óculos no negócio, diabos, bote óculos!”

Depois, voltando-se para Corley:

“Mas, Júpiter à parte, tivemos pelo menos um resultado a respeito da Lua?”

“Também não, Sr. Bennett!”

“Ah! Desta vez você não pode botar a culpa na ótica! A Lua está seiscentas vezes mais próxima que Marte, com o qual já estabelecemos serviço regular de correspondência. Não são os telescópios que falham...”

“Não! Mas são os habitantes!” respondeu Corley com o sorriso maroto de um cientista transbordando de zizes.

“Está tentando me dizer que a Lua não é habitada?”

“Pelo menos, Sr. Bennet, na face que ela nos mostra. Quanto ao outro lado, quem sabe...”

“Pois bem, Corley, tem um jeito simples de verificar...”

“Que seria...?”

“É virar a Lua do outro lado!”

E, nesse mesmo dia, os especialistas das indústrias de Bennett estavam desencavando meios mecânicos que deveriam conseguir a reorientação de nosso satélite.

De resto, Francis Bennett tinha razão para estar satisfeito. Um dos astrônomos do *Earth Herald* tinha acabado de determinar os parâmetros do novo planeta Gandini. É a mil e seiscentos milhões, trezentos e quarenta e oito mil, duzentos e oitenta e quatro quilômetros e meio que esse planeta percorre sua órbita ao redor do Sol; no que leva duzentos e setenta e dois anos, cento e noventa e quatro dias, doze horas, quarenta e três minutos, nove segundos e oito décimos de segundo.

Francis Bennett ficou encantado com esta precisão.

“Ótimo!” exclamou. “Vão correndo informar o serviço de reportagem. Vocês sabem a paixão com que o público acompanha esses assuntos astronômicos. Faço questão que a notícia saia na edição de hoje!”

Antes de sair da sala de reportagem, Francis Bennett se dirige ao grupo especial de entrevistadores, e interroga o encarregado de celebridades:

“Você entrevistou o Presidente Wilcox?” perguntou.

“Sim, Senhor Bennett, estou publicando na coluna a informação de que ele sem dúvida sofre de uma dilatação estomacal, e está se submetendo a lavagens sérias por tubos.”

“Perfeito. E sobre esse assunto do assassino Chapmann...? Você entrevistou os jurados que vão julgá-lo?”

“Sim, e todos estão de acordo que é culpado. De modo que o caso nem vai ser levado ao tribunal. O acusado vai ser executado antes de ser condenado.”

“Executado... eletricamente?”

“Eletricamente, Senhor Bennett, e sem dor... supõe-se, porque este detalhe ainda não foi comprovado.”

A sala seguinte, uma galeria enorme de meio quilômetro de comprimento, era dedicada à publicidade; e pode-se imaginar como deve ser a publicidade num jornal como o *Earth Herald*. Ela rende uma média de três milhões de dólares por dia. Além disso, uma parte desta publicidade toma uma forma absolutamente original, graças a um sistema engenhoso cuja patente foi comprada por três dólares de um pobre coitado que morreu de fome. São cartazes enormes, refletidos nas nuvens, cujo tamanho é tal que podem ser vistas por um município inteiro.

Desta galeria, mil projetores lançavam continuamente esses anúncios imensos às nuvens, que os reproduziam em cores.

Mas nesse dia, quando Francis Bennett entrou na sala da publicidade, viu todos os operadores de braços cruzados ao lado de seus projetores inativos. Pergunta... e, sem dizer nada, apontam

para o céu de azul sem mancha.

“Ora pois!... Tempo lindo,” resmungou ele, “e nada de publicidade aérea! O que fazer? Se fosse chuva, podíamos fazer chover! Mas não é de chuva que precisamos, e sim de nuvens!...”

“Sim... lindas nuvens bem brancas!” respondeu o operador chefe.

“Bom, então! Senhor Samuel Mark, você vai falar com a redação científica, setor meteorológico. Você vai dizer a eles, em meu nome, que trabalhem com afinco no problema de nuvens artificiais. Não podemos ficar assim à mercê do bom tempo!”

Completada a inspeção dos vários departamentos do jornal, Francis Bennett foi para a sala de recepção, onde o aguardavam os embaixadores e ministros plenipotenciários credenciados junto ao governo americano. Esses senhores tinham vindo pedir conselhos ao diretor todo-poderoso. No momento em que Francis Bennett entrou no salão, eles estavam discutindo com alguma vivacidade.

“Que Sua Excelência me perdoe,” dizia o embaixador da França ao embaixador da Rússia, “mas eu não vejo nada que precise ser alterado no mapa da Europa. O Norte aos Eslavos, que seja! Mas o Sul aos Latinos! Nossa fronteira comum no Reno me parece ótima. Além disso, não se engane, meu governo vai resistir a qualquer ação que seja tomada contra nossas prefeituras em Roma, Madrid e Viena!”

“É isso mesmo!” disse Francis Bennett, intervindo no debate. “Como assim, Senhor Embaixador da Rússia, você não está satisfeito com seu vasto império, que, das margens do Reno, se estende até as fronteiras da China? Um império cujo imenso litoral é banhado pelo Oceano Glacial, o Atlântico, o Mar Negro, o Bósforo e o Oceano Índico? E além disso, de que adiantam ameaças? É por acaso possível a guerra com as invenções modernas, esses obuses asfixiantes que podem ser lançados a distâncias de cem quilômetros, essas faíscas elétricas, de vinte léguas de comprimento, que podem aniquilar de um só golpe um exército inteiro, esses projéteis carregados com os germes da peste, do cólera, da

febre amarela, que destruiriam uma nação inteira em poucas horas?”

“Estamos cientes disso, Sr. Bennett,” respondeu o embaixador russo. “Mas nem sempre se pode fazer o que se quer, não é? Espremidos pelos chineses na nossa fronteira oriental, nós precisamos tentar algum avanço para oeste, custe o que custar...”

“É só esse o problema?” perguntou Francis Bennett com tom paternalista. “Pois bem! Já que a proliferação chinesa é um perigo para o mundo, vamos fazer pressão sobre o Filho do Céu! Ele terá que impor a seus súditos um limite máximo de natalidade, que eles não poderão ultrapassar sob pena de morte! Isso deve equilibrar a situação.”

“E você, meu senhor,” continuou o diretor do *Earth Herald*, dirigindo-se ao cônsul da Inglaterra, “o que posso fazer por você?”

“Bastante,” respondeu o homem, com uma reverência humilde. “Bastaria que seu jornal iniciasse uma campanha em nosso favor...”

“Com que objetivo?”

“Apenas para protestar contra a anexação da Grã-Bretanha aos Estados Unidos...”

“Só isso!” exclamou Francis Bennett, dando de ombros. “Uma anexação que já é velha de cento e cinquenta anos! Mas os senhores ingleses nunca vão se conformar com o fato de que, por uma justa virada das coisas, seu país virou colônia americana? Que loucura! Como pôde seu governo pensar que eu aceitaria fazer essa campanha antipatriótica?...”

“Senhor Bennett, a doutrina de Monroe é toda a América para os americanos, o senhor sabe; mas nada além da América, e não...”

“Mas a Inglaterra é apenas uma de nossas colônias, meu caro — uma das mais lindas, admito — e não pense que vamos concordar em entregá-la, jamais!”

“O Senhor se recusa?...”

“Eu me recuso; e se você insistir, nós vamos criar um *casus*

belli, baseado apenas numa entrevista por um de nossos repórteres!”

“Então estamos acabados!” resmungou o cônsul, arrasado. O Reino Unido, o Canadá e a Nova Bretanha são dos americanos, a Índia é dos russos, e a Austrália e a Nova Zelândia são delas mesmas! De tudo o que já foi uma vez a Inglaterra, o que nos resta? Mais nada!”

“Mais nada, meu caro?” replicou Francis Bennett. “Pois bem, e Gibraltar?”

* * *

NAQUELE momento soou o toque do meio-dia. O diretor do *Earth Herald*, encerrando a audiência com um gesto, deixou o salão. Sentou-se numa poltrona rolante, e em questão de minutos estava na sala de jantar — localizada a um quilômetro dali, na outra ponta do prédio.

Francis Bennett senta-se à mesa, que está posta. Ao alcance de sua mão está uma fila de torneiras, e, à sua frente, o espelho redondo de um fonotelefote, que mostra a sala de jantar de seu prédio em Paris. Apesar da diferença de horários, o Sr. e a Sra. Bennett combinaram de almoçar juntos. Nada mais agradável do que almoçar assim face a face, a mil léguas de distância; de se ver e conversar por meio dos aparelhos fonotelefóticos.

Mas, nesse momento, a sala em Paris está vazia.

“Edith deve estar atrasada!” diz Francis Bennett consigo mesmo. “Ah, a pontualidade das mulheres! Tudo progride, menos isso!...”

E, após esta reflexão certíssima, ele gira uma das torneiras.

Como todas as pessoas inseridas na nossa época, Francis Bennett, tendo renunciado à cozinha doméstica, é assinante da grande Companhia de Alimentação Domiciliar. Essa empresa distribui,

por uma rede de tubos pneumáticos, refeições de mil tipos diferentes. Esse sistema é caro, sem dúvida, mas a comida é melhor; e ele tem a vantagem de eliminar a raça horripilante dos grandes *chefs* — de ambos os sexos.

Assim Francis Bennett almoçou sozinho, não sem uma certa tristeza. Estava terminando o café, quando a Sra. Bennett, chegando em casa, apareceu no espelho do telefote.

“Onde você estava, minha querida Edith?” perguntou Francis Bennett.

“Que coisa!” respondeu a Sra. Bennett. “Você já acabou?... Estou atrasada?... Onde eu estava? Mas, na minha chapeleira! Este ano tem uns chapéus de me deixar louca! Não são nem mesmo chapéus; são domos, cúpulas! Perdi um pouco a noção do tempo!...”

“Um pouco, querida, tanto que aqui meu almoço já acabou...”

“Bom, pode ir indo, querido... vai cuidar do seu trabalho.” respondeu a Sra. Bennett. Eu tenho ainda um horário marcado com meu estilista.”

E esse estilista não era ninguém menos que o célebre Wormspire, o que sabiamente observou que “a mulher é apenas uma questão de formas!”

Francis Bennett beijou a face da Sra. Bennett no espelho do telefote, e dirigiu-se à janela, onde o esperava seu aero-carro.

“Onde o Sr. vai?” perguntou o aero-chofer.

“Vejam... Tenho um tempo livre...” respondeu Francis Bennett. “Leve-me para minhas usinas de acumuladores no Niágara.”

O aero-carro, engenho admirável baseado no princípio do “mais pesado que o ar,” lançou-se ao espaço à velocidade de seiscentos quilômetros por hora. Em baixo, desfilavam as cidades, com calçadas móveis que transportavam os transeuntes nas ruas; e os campos, cobertos, como que por uma imensa teia de aranha, pela rede de fios elétricos.

Em meia hora Francis Bennett chegou à sua usina do Niágara, que usava a força das cataratas para produzir energia a ser ven-

dida aos consumidores. Terminada sua visita, ele voltou — via Filadélfia, Boston, e Nova Iorque — para Centrópolis, onde o aero-carro o depositou lá pelas cinco da tarde.

* * *

A SALA de espera do *Earth Herald* estava apinhada. Esperavam a audiência diária que Francis Bennett concedia aos pleiteantes de auxílios. Eram inventores pedindo investimentos, empresários propondo negócios — todos excelentes, segundo eles. Entre essas propostas variadas, era necessário fazer uma escolha: rejeitar as ruins, examinar as duvidosas, aprovar as boas.

Francis Bennett logo se livrou dos que só traziam idéias inúteis ou impraticáveis. Não é que um deles pretendia reviver a pintura! Uma arte que ficou tão desvalorizada que o *Angelus* de Millet recentemente foi vendido por quinze francos. Culpa da fotografia em cores, inventada no final do século 20 pelo japonês Aruziswa-Riochi-Nichome-Sanjukamboz-Kio-Baski-Kû, cujo nome hoje está na boca de todos. Outro teria encontrado o bacilo bio-ógeno, que supostamente tornaria o ser humano imortal, uma vez introduzido no organismo via uma sopa bacteriana. Este aqui, um técnico químico, afirmava ter descoberto um novo elemento, o nadílio, que custaria três milhões de dólares por grama! Aquele outro, um médico audaz, afirmava ter desenvolvido nada menos que um remédio específico para o resfriado!

Todos esses sonhadores foram prontamente despachados.

Alguns outros foram melhor recebidos; entre eles, um jovem cuja fronte larga indicava sua inteligência vivaz.

“Senhor Bennett,” disse ele, “embora o número de elementos químicos já tenha chegado a setenta e cinco, hoje está reduzido a três, o senhor sabe?”

“Perfeitamente,” respondeu Francis Bennett.

“Pois bem, Sr. Bennett, eu estou prestes a reduzir esses três a um só. Se eu tiver os recursos necessários, devo levar umas poucas semanas.”

“E então?...”

“Então, Sr. Bennett, eu simplesmente terei descoberto o Absoluto!”

“E a consequência dessa descoberta?...”

“Será a criação fácil de qualquer material — pedra, madeira, metal, fibrina...”

“Você pretende então chegar a criar uma criatura humana?...”

“Completamente! Faltarão apenas a alma!...”

“Só isso!” respondeu ironicamente Francis Bennett. No entanto, contratou esse jovem químico para trabalhar na redação científica do jornal.

Um segundo inventor, baseando-se em velhos experimentos do século 19 que foram repetidos inúmeras vezes desde então, teve a idéia de deslocar uma cidade inteira como uma peça única. Propunha, especificamente, mover a cidade de Staaf, situada a umas quinze milhas do mar, e transformá-la num centro balneário, movendo-a sobre trilhos até o litoral. Isso deveria valorizar enormemente os imóveis, construídos e por construir.

Francis Bennett, seduzido pelo projeto, concordou em financiar metade do negócio.

“O senhor sabe, Sr. Bennett,” disse um terceiro proponente, “que, graças a nossos acumuladores e transformadores solares e terrestres, nós conseguimos igualar as estações do ano. Vamos então transformar em calor uma parte da energia de que dispomos, e enviar esse calor às regiões polares, onde ele vai fundir os gelos...”

“Deixe seus projetos comigo,” respondeu Francis Bennett, “e volte daqui a oito dias!”

Por fim, um quarto cientista trouxe a notícia de que uma das questões debatidas no mundo todo receberia sua solução naquela noite mesmo.

É sabido que, há um século, uma ousada experiência atraiu a atenção do público sobre o Doutor Nathaniel Faithburn. Defensor convicto da hibernação humana — ou seja, a possibilidade de suspender as funções vitais, para fazê-las renascer depois de um certo tempo — ele decidiu testar em si mesmo a excelência de seu método. Depois de descrever, em um testamento holográfico, as operações necessárias para revivê-lo exatos cem anos depois, ele se submeteu a um frio de 172 graus. Reduzido ao estado de múmia, o Doutor Faithburn foi então lacrado em um túmulo, pelo período combinado.

Pois bem, o prazo terminava neste mesmo dia, 25 de julho de 2889; e estavam propondo a Francis Bennett de efetuar a ressurreição, tanto aguardada, nas dependências do *Earth Herald*. O público assim poderia ser mantido a par dos fatos, segundo por segundo.

A proposta foi aceita; mas, como a operação somente seria feita às nove da noite, Francis Bennett foi para a sala de audição. Estirou-se numa espreguiçadeira, e, girando um botão, estabeleceu comunicação com a Central Concert.

Depois de um dia tão cheio, que prazer não teve nas obras dos melhores maestros contemporâneos — baseadas, como se sabe, numa série de fórmulas harmônico-algébricas!

A sala foi escurecendo. Mergulhado num sono meio encantado, Francis Bennett nem percebeu. Mas uma porta se abriu de repente.

“Quem é?” disse, girando um interruptor sob sua mão.

Imediatamente, o ar tornou-se luminoso por uma vibração elétrica emitida através do éter.

“Ah, é você, Doutor?” disse Francis Bennett.

“Eu mesmo,” respondeu o Doutor Sam — que tinha vindo para sua visita diária (por assinatura anual). “Como vai?”

“Bem!”

“Ainda bem... Vamos ver essa língua?”

E examinou a língua com microscópio.

“Boa... e esse pulso?”

Ele apalpou o pulso com um pulsógrafo, análogo aos instrumentos que registram tremores de terra.

“Excelente! E o apetite?”

“Bah!”

“Ah sim, o estômago! Não anda bem, o estômago! Está ficando velho, o estômago! Mas a cirurgia progrediu bastante. É preciso mesmo mandar trocar por um novo. Sabe, temos uns estômagos sobressalentes, com garantia de dois anos!”

“Veremos!” respondeu Francis Bennett. “Mas por enquanto, doutor, você janta comigo!”

Durante a janta, a comunicação fonotelefônica foi estabelecida com Paris.

Desta vez a Sra. Bennett estava à sua mesa; e a janta, entremeadada com as palavras espirituosas do Dr. Sam, foi agradável. Assim que terminou:

“Quando você pretende voltar para Centrópolis, querida Edith?” perguntou Francis Bennett.

“Estou saindo agora mesmo.”

“Pelo tubo ou pelo aero-trem?”

“Pelo tubo.”

“Então você deve chegar...?”

“Às onze e cinquenta e nove da noite.”

“Hora de Paris?”

“Não, não! Hora de Centrópolis.”

“Até logo, então, e cuidado para não perder o tubo!”

Esses tubos submarinos, pelos quais pode-se vir da Europa em duzentos e noventa e cinco minutos, são infinitamente melhores que os aero-trens, que não fazem mais que mil quilômetros por hora.

* * *

O DOUTOR saiu, prometendo voltar para assistir a ressurreição de seu colega Nathaniel Faithburn.

Francis Bennett foi para seu escritório, a fim de fechar a contabilidade do dia. Operação enorme, quando se trata de uma empresa cujas despesas diárias chegam a oitocentos mil dólares. Felizmente, os progressos da mecânica moderna facilitaram muito esse tipo de trabalho. Com a ajuda do piano-calculador elétrico, Francis Bennett conseguiu terminar essa tarefa em vinte e cinco minutos.

E não foi sem tempo. Mal apertou a última tecla do aparelho totalizador, sua presença se fez necessária no salão de experimentos. Foi para lá imediatamente, e foi recebido por um grande grupo de cientistas, aos quais se havia juntado o doutor Sam.

O corpo de Nathaniel Faithburn lá estava, no seu caixão, pousado sobre cavaletes no meio da sala.

O telefote foi acionado. O mundo inteiro vai poder seguir as diversas fases da operação.

O caixão é aberto... Tiram de lá Nathaniel Faithburn... Ainda está como uma múmia, amarelo, duro, seco. Ressoa como se fosse de madeira. Submetem-no ao calor... à eletricidade... Nenhum resultado... Tentam hipnotismo... sugestão... Nada tem efeito sobre seu estado ultra-cataléptico.

“Então, Doutor Sam?...” pergunta Francis Bennett.

O médico se inclina sobre o corpo, e o examina com máxima atenção... Introduce, por injeção hipodérmica, umas gotas do famoso elixir Brown-Séguar, que ainda está na moda... Mas a múmia continua mais mumificada que nunca.

“Então,” responde o doutor Sam, “Acredito que a hibernação foi longa demais.”

“E daí?”

“Daí, Nathaniel Faithburn está morto.”

“Morto?”

“Tão morto quanto é possível se estar.”

“Você pode dizer desde quando?”

“Desde quando?” responde o doutor Sam. “Bom, desde que ele teve a idéia infeliz de se fazer congelar por amor à ciência!...”

“Ora vamos,” disse Francis Bennett, “eis aí um método que precisa ser aperfeiçoado!”

“Aperfeiçoado é a palavra!” disse o doutor, enquanto a comissão científica de hibernação removia seu objeto fúnebre.

* * *

FRANCIS Bennett, seguido do Dr. Sam, voltou para seu quarto. Como parecia bem cansado depois de um dia tão cheio, o médico o aconselhou a tomar um banho antes de se deitar.

“Tem razão, doutor... isso vai me descansar.”

“Sem dúvida, Sr. Bennett. Se quiser, na saída vou pedir que mandem...”

“Não precisa, doutor. Tem sempre um banho pronto no prédio, e nem tenho o incômodo de sair do meu quarto para tomar. Veja, basta apertar esse botão, e a banheira vai se deslocar. Você vai ver ela aparecer aqui sozinha, com água à temperatura de trinta e sete graus!”

Francis Bennett apertou o botão. Ouviu-se um ruído surdo que foi crescendo, se aproximando... Então, uma das portas se abriu, e a banheira apareceu, deslizando sobre seus trilhos.

Meu deus! Enquanto o Dr. Sam cobria os olhos, gritinhos de vergonha assustada saem da banheira... Tendo chegado há meia hora da sua viagem transoceânica, a Sra. Bennett estava dentro dela...

* * *

NO DIA seguinte, 26 de julho de 2889, o diretor do *Earth Herald* recomeçou seu roteiro diários de vinte quilômetros pelos departamentos do jornal. Naquela noite, quando acionou o totalizador, o

lucro do dia somou duzentos e cinquenta mil dólares — cinquenta mil mais que no dia anterior.

Um bom ofício esse, o de jornalista no final do vigésimo nono século!

Notas do tradutor

Sobre o texto em si: Daria para escrever uma ou duas páginas de notas para cada parágrafo deste conto, comparando como eram as coisas em 1898, como os autores imaginaram que seriam mil anos depois, e como elas são hoje, apenas 130 anos mais tarde. Enumerando as previsões que se realizaram, mas muito mas cedo do que eles supunham; as que foram redondamente erradas, as que ainda são sonhos (como os aero-carros, os tubos submarinos transoceânicos, e a equalização das estações do ano), e as que eles nem sequer tinham como imaginar (como aparelhos eletrônicos portáteis, satélites artificiais, ou mesmo o rádio).

Quanto à qualidade literária, o conto é sem dúvida um tanto “chato.” Isso é inevitável em qualquer texto de futurologia, devido à necessidade de descrever centenas de invenções e mudanças em todos os setores de atividade humana. Mas poderia ter sido pior. Os autores até que conseguiram amenizar esse problema, encaixando essas descrições num enredo minimamente interessante: a jornada do dono e diretor de um mega-jornal.

Na minha opinião, o texto é notável pelo retrato que faz dessa personagem, bem típica do grande empresário americano da época: sua sentimentalidade superficial e um tanto machista em relação à esposa, seu foco no lucro e na eficiência da empresa, sua absoluta insensibilidade face ao sofrimento e morte alheias, sua arrogância no trato com os empregados...

História do texto: Este texto tem uma vida complicada. Por volta de 1889, quando Jules Verne já era um escritor de fama mundial, ele recebeu a encomenda de um conto para a revista americana *Forum*. O conto foi publicado em fevereiro desse ano, com o título *In the Year 2889*, e assinado por Jules. Porém, em uma carta para seu editor na França (descoberta só em 1974), Jules revelou que o conto tinha sido escrito inteiramente pelo seu

filho Michel, na época com 44 anos. Os dois sabidamente não eram muito fluentes em inglês; de modo que o conto foi provavelmente escrito em francês, e não se sabe quem traduziu.

Porém, no ano seguinte, Jules “passou a limpo” o texto (em francês) do filho. As alterações foram principalmente de estilo – encurtando ou expandindo algumas descrições, tornando os diálogos mais vivazes, e trocando alguns nomes. Especialmente, Jules alterou o nome do jornalista, do capenga “Fritz Napoleon Smith” para Francis Bennett — baseado no dono real (Gordon Bennett) de um jornal americano real da época, o *New York Herald*. (Porém o nome foi grafado com apenas um “n,” não sei se por erro ou para afrancesar a pronúncia.) Jules também alterou o nome da cidade de Centrópolis para Universal City. E finalmente mudou ano de 2889 para 2890.

Jules publicou esta nova versão em 1891, com o título *La Journée d'un journaliste américain en 2890*, apenas em veículos locais da cidade Amiens, onde morava: o *Journal d'Amiens* e o *Petit Journal*. Ele leu o conto numa sessão da Academia de Ciências e Letras da cidade, que o imprimiu em suas *Mémoires*.

Depois de seu falecimento em 1905, seu filho Michel revisou mais uma vez o texto para publicação numa coletânea, *Hier et Demain*, publicada em 1910. Michel reverteu umas poucas das alterações de seu pai: em particular, o ano voltou a ser 2889, o nome da cidade voltou a ser Centrópolis, e a grafia do nome foi corrigida para “Bennett” com dois “n”s. E o título foi alterado para *Au XXIXe siècle : La Journée d'un journaliste américain en 2889*. Michel também trocou muitos pontos finais por pontos de exclamação. Mas em todas essas edições a autoria sempre foi atribuída a Jules apenas.

Mais detalhes sobre a história deste conto, e uma comparação com a versão original de Michel, podem ser encontrados no artigo “2889 vs. 2890” de Arthur B. Evans, publicado em 2017 na revista *Verniana*, volume 10, páginas 155–190, e disponível no site www.verniana.org.

Na dúvida de qual versão deve ser considerada a “original” ou “legítima,” na minha tradução usei uma média entre as duas últimas versões, de Jules e de Michel — geralmente tendendo mais para a primeira. Mas segui a última no ano (2889), na grafia “Bennett” e no nome “Centrópolis” — e em muitos dos pontos de exclamação.

Sobre o planeta Gandini: Uma diferença interessante entre as duas versões é a órbita do novo planeta “Gandini” descoberto pelos astrônomos do *Earth Herald*. Na sua versão de 1890, Jules diz que é o planeta está a 1.600.348.284,5 quilômetros do Sol. Isso colocaria a órbita de Gandini entre Saturno (1.4 bilhões de km) e Urano (2.8). De fato há “planetas” nesse espaço; mas o primeiro deles (Quíron, a 2.0 bilhões de km) só foi descoberto em 1977.

Na sua revisão do texto, Michel aumentou a distância para 12.841.348.284,623.7 quilômetros; que é o dobro da distância de Plutão (6 bilhões de km), que seria descoberto apenas em 1930. Também existem “planetas” nessa região; essa é na verdade a distância média de Éris, descoberto em 2005, que tem quase o mesmo tamanho de Plutão.

Porém, a duração da órbita fornecida por Jules — 272 anos, 194 dias, 12 horas, 43 minutos, e 9,8 segundos — não é compatível com a distância que ele escolheu. Os “anos” de Saturno e Urano duram 25 e 84 anos, respectivamente. Numa curiosa coincidência, a duração escolhida por Jules é quase igual ao “ano” de Plutão (248 anos).

Michel também aumentou esse número para 572 anos; que é fisicamente compatível com a distância, e portanto quase igual ao “ano” de Éris (559 anos). Provavelmente consultou um astrônomo para escolher esse número...